

DAYANA LUCAS  
09.11.2019 | 04.01.2020

## NEGRO SECRETO

secret black sound for two hands

Recebi o teu primeiro impulso de escrita, as palavras apressadas em reter o fluxo, e acho que devemos publicá-las tal qual.

É o negro primeiro, primordial, principal; o negro sem branco. É o jaguar olmeca, pré-hispânico interrogando a grande história e o denso enigma.... que te parece?

Abdicando da polidez de um texto decantado seremos fiéis à escuta poética que inscreve o primeiro gesto, que é o mais radical. Poderemos ajustar um pouco aqui e ali, mas assumindo desde já que desconfiamos do caminho "natural", "racional", que transmuta tudo aquilo que é bruto e negro em claridade.

Às vezes é ao contrário, às vezes o que está em cima também é o que está em baixo. E isso leva-me a concordar contigo quando dizes:

*Só o corpo é capaz de medir esta matéria negra. Só entramos nela aceitando à partida que não sabemos onde estamos a cair. Aceitando a sua inevitabilidade. Somos levados... e então descer equivale a subir, sem saber se estamos suspensos ou enterrados. Não há controlo nem coordenadas. Há mergulho absoluto no abismo, guiados pelo ritmo universal dos seres e astros*

*mais do que permitir: abraçar a dor, o medo, o desconforto, a falta, o vazio: o impensável e indescritível. o imenso*

*este espaço aparentemente branco que nos envolve, este "vazio frio", é negro: é matéria energética invisível em constante movimento, metamorfose, fotossíntese, devir*

Diz o jaguar negro: "Sou o último da minha espécie extinta".

*terror ao vazio é terror a tudo o que está oculto nele, por isso o vazio é negro: cheio de matéria incomensurável e por isso insuportável. este vazio existe. este branco insuportável é negro*

*só o corpo é capaz de medir esta matéria negra. só entramos nela aceitando à partida que não sabemos onde estamos a cair. aceitando a sua inevitabilidade. somos levados. e então descer equivale a subir, sem saber se estamos suspensos ou enterrados. não há controlo nem coordenadas. há mergulho absoluto no abismo, guiados pelo ritmo universal dos seres e astros*

O título é magnífico e musical - Ne-gro se-cre-to -, poderia estar impresso num volume de poesia reunida de poetas maiores; Ezra Pound, por exemplo. Não deixes de procurar o seu poema *The Alchemist*, que lembra uma música propiciadora da transformação e do ritual, e que é quase uma dança macabra. E sobre velas, dizem, são para arder até ao fim... numa cave... num terreiro... ou entre as mãos de alguém.

Continuando a ler-te, dizes: *Sangue é circulação e vida. Se há amor há continuidade desenhada na curva orgânica da volúpia.*

De onde vêm essas palavras?

*forçar-me a desenhar em simultâneo com a mão esquerda ("a menos ágil"), e a mão direita (a que supostamente "domina"), é abraçar a falta de domínio e controlo que profundamente nos preenche. é o negro secreto que desenha isto tudo. quero a agilidade que traz o sufoco. o prazer que dói e liberta*

Conheci um poeta que também era artista e que infelizmente faleceu. Fazia pequenas aguarelas (desertos da Namíbia onde morava) e da boca dele ouvi a explicação mais precisa sobre o branco da aguarela, sobre extrair o branco que já existe no papel e que é muito semelhante a uma escrita que diz sem nomear. No teu caso tu "extrais" o negro, inventa-lo.

Há uma matemática secreta no meio disto tudo, de adição e de subtração, que está muito presente no teu gesto de inscrever no espaço. Branco no branco, preto no preto, preto no branco, branco no preto, descobrindo outra arte combinatória para além desta, e que nomeia o indizível.

Tem a ver certamente ou por exemplo quando dizes:

*Este espaço aparentemente branco que nos envolve, este "vazio frio", é negro: é matéria energética invisível em constante movimento, metamorfose, devir. Terror ao vazio é terror a tudo o que está oculto nele, por isso o vazio é negro: cheio de matéria incomensurável e por isso insuportável. Este vazio existe. Este branco insuportável é negro.*

Como pode o branco ser negro? *É o negro secreto que desenha isto tudo. Quero a agilidade que traz o sufoco. o prazer que dói e liberta*

*não quero desesperadamente bater na pedra até quebrá-la para entender o mistério da matéria e do sofrimento. quero ser pedra quando toco na pedra, água quando desenho a água, luz na mão quando parece não haver nada*

*do amor à natureza e à vida vem a ligação à linha. ao fluxo do tempo e das formas que crescem seguindo um compasso maior e impossível de dominar. aceitar o seu domínio e desígnio é fazer parte do jogo, não para ganhar ou perder, mas para ser tão absurdo como o jogo em si. o jogo nunca acaba, nem começa. o amor é infinito. a vida é infinita. toda línea recta es el arco de un círculo infinito*

De facto não há lei nem regra para desenhar, traçar, marcar.

Daí a importância de uma gramática nova que estabeleces para ti, um léxico que vai sendo testado de cada vez que expões e que ora é exclamante, exaltado, triunfante ora balbucia, o negro do medo. A noite escura dos tempos.

A importância do toque, do sentido do toque, do apalpar, único desejo a que a tua "escrita" pode vir a obedecer, como se tocando pudesse a escrita ser, pudesse ela assim interrogar a substância do mundo (*quero ser pedra quando toco na pedra, água quando desenho a água, luz na mão quando parece não haver nada*).

Riscar circunferências perfeitas e imperfeitas; memória e acção.

Concordo. *O amor é infinito. a vida é infinita. "toda línea recta es el arco de un círculo infinito"*

Envia-me imagens do que estás a pensar apresentar. Fico a tentar imaginar a exposição à distância e tenho a certeza que nada será forçado, que "apenas" reorganizaste um pequeno universo particular, inventando uma nova constelação, como aquela que tatuaste no teu braço (direito? esquerdo?)

*dibujar con las dos manos para despertar la tercera*

Beijos, voltamos a falar em breve

*a vela que arde pelos dois lados dura menos, mas dá mais luz*

Dayana      Lucas  
Marta      Mestre  
Filipe      Silva  
João      Calhau